



AUTOBIOGRAFIA OCULAR

Monisse da Cunha Silva*

Comecei a usar óculos aos doze anos. Já era então uma criança mais calma do que as outras, apesar de não compreender muito bem o porquê de ser calminha era algo tão elogiado e valorizado pelos adultos.

- “Ela é tão quietinha”. Dizia uma professora encantada.
- “Nem faz bagunça”. Completava a diretora
- “É a única lá de casa que não dá trabalho.” Confirmava minha mãe, sempre orgulhosa.

Descobri, então, que esse era o segredo para ser elogiada pelos adultos. Mas não pelas crianças. A menina de óculos, queridinha da professora, não podia ser confiável, era com certeza uma dedo duro. Nada tinha feito para merecer isso, além de desenvolver involuntariamente um problema de visão, que precisava de uns vidros numa armação da *Hello Kitty* para ser corrigido.

Aos quinze anos, morria de medo de confessar dúvidas nas matérias. Parecia que tirar notas altas era a única coisa esperada de mim. Um cenário de competição que só existia para mim, uma sombra quase esquecida, perdida na penumbra da vitória inalcançável. Assim, entendia que meninas quietinhas não faziam bagunça. Também não usavam batom vermelho. Nem namoravam. Elas não faziam um monte de coisas. Não sabem se comportar de outro modo senão aqueles que as ensinaram.

E cada vez que tentava alcançar esse espelho mais longe eu parecia estar, como um lembrete do quase e do nunca, de uma pintura desbotada em um quadro de promessas. Comecei a me incomodar com tudo. sobretudo, os óculos, não fazia sentido que a simples presença de um pedaço de plástico cobrindo meus olhos tivesse criado uma personalidade, que estivesse tão carregado de conceitos. Experimentei sair sem óculos um dia, dois, uma semana. Ninguém supôs que eu fosse quieta, nem intelectual, nem que gostasse de ler, embora realmente gostasse. Tentei tipos diferentes de roupas. sentindo que a vida começaria depois que eu resolvesse todas as dúvidas. Assim, passei o resto da vida decidindo, ao acordar, se deveria usar óculos ou lentes naquele dia.

* Nicolle Pogere, 25 anos, graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Professora de língua portuguesa, redatora e escritora de contos e crônicas nas horas vagas. Acredita que só a educação de qualidade muda a vida. E-mail: npogere@gmail.com.